

SÉRIE DE ENTREVISTAS MESTRES DA CONTABILIDADE

ANTONIO DE LOUREIRO GIL

Esta série de entrevistas tem o objetivo de mostrar o lado humano das pessoas que atuam como professores de contabilidade e a sua visão do mundo. Mostramos aqui, de modo livre, o que esses mestres pensam e sentem a respeito de suas áreas de atuação, e o que podem recomendar a partir de suas histórias de vida. As entrevistas não são censuradas ou reescritas. São transcritas do modo que mais se assemelha à fala integral do entrevistado, sem interferência na seqüência da fala.

O primeiro entrevistado é o primeiro mestre e o primeiro doutor formado em Contabilidade pela Universidade de São Paulo, segundo o regime atual.

Entramos agora na história e na memória da contabilidade brasileira. A Revista de Contabilidade e Controladoria teve o prazer de conversar com o Prof. Dr. Antonio de Loureiro Gil, em sua residência, onde fomos calorosamente recebidos.

Prof. Dr. Antonio de Loureiro Gil, possui graduação em Administração de Empresas pela Escola Naval do Rio de Janeiro (1962), mestrado em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo (1976) e doutorado em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo (1985). Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Paraná. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Administração de Empresas, atuando principalmente nos seguintes temas: gestão, auditoria, tecnologia da informação e comunicações (TIC), sistemas de informações, balanço intelectual, contabilidade, controladoria, contabilidade, capital intelectual, sustentabilidade, qualidade, segurança de informática e dos negócios, perito de informática.

Agradecemos a cooperação do pessoal do setor de pós graduação da contabilidade da USP em especial à Valéria Lourenção, Chefe de Seção - Pós-Graduação.

RC&C: __ Por que o senhor optou pela contabilidade?

Dr. Gil: __ Na verdade a contabilidade é que optou por mim. Eu trabalhava na empresa do Professor José Boucinhas (Prof. Dr. José da Costa Boucinhas), uma empresa de controladoria independente em tecnologia de informação. Eu fui para a empresa para trabalhar mais em auditoria do que em contabilidade. O Professor Boucinhas foi um dos que fundou a USP. Um dia ele me disse: “Você precisa dar o curso de Informações Contábeis! Tem que ir lá na USP, tem que terminar o seu curso!” E eu fui,

então, a cadeira de Informações Contábeis junto com o outro colega: o BIO (Prof. Dr. Sérgio Rodrigues Bio). Isso começou em primeiro de março de 1973. Na época dava uma tremenda confusão entre os alunos que me chamavam de Bio e ele de Gil, por que os dois nomes eram muito parecidos... O Bio na época era da Artur Andersen.

RC&C: __ E o caminho do mestrado para o doutorado?

Dr. Gil: __ O Prof. Boucinhas era uma pessoa muito respeitada no país, foi quem organizou a Companhia Siderúrgica Nacional. __ A companhia Siderúrgica Nacional é considerada o princípio da industrialização do país, o berço, isso em 1945, na época de Vargas. Conhecia todo mundo... políticos, acadêmicos... Há! Uma coisa que eu acho importante! Vou antes contar uma história para vocês entenderem melhor... No dia primeiro de janeiro de 1973, o Brasil mudou a regulamentação dos cursos de graduação. Antes de 73, um camarada que chegava no ensino, lá em cima, era o professor catedrático, e os que eram novos, começavam carregando a pasta e os livros para o professor catedrático. Eles não faziam curso de mestrado e doutorado, não existia essa Faziam prova de títulos e documentos. Em 1973 é que foi estabelecido que o mestrado e doutorado teriam disciplinas, defender dissertação e tese. Antes de 1973 não tinha isso. Então quando eu comecei em março de 1973, era eu e mais seis novas pessoas no Departamento de Contabilidade da USP estavam começando uma regulamentação nova. Não só no departamento, mas na USP toda, para engenheiros, para arquitetos, na medicina e outros. Para dar aula a partir dessa data, as pessoas tinham que fazer o mestrado e o doutorado. Não havia mestrado em contabilidade no país e nenhum doutorado. Então no segundo semestre de 73 se resolveu criar um curso de mestrado para cumprir a regulamentação e, os sete primeiros formados fomos nós. Um já morreu, que é o Standerski (Prof. Dr. Wlademiro Standerski), estão aí, o Masayuki (Prof. Dr. Masayuki Nakagawa), a Cecília (Profª Drª Cecilia Akemi Kobata Chinen), o Bio (Prof. Dr. Sérgio Rodrigues Bio), o Guagliarde (Prof. Dr. José Rafael Guagliardi) e o Lázaro (Prof. Dr. Lázaro Plácido Lisboa) e eu, acho... Os professores anteriores, que eram da regulamentação anterior, não sabiam direito como iam tocar o mestrado. Pelo

menos naquela época, o que assustava... e até hoje eu sou meio assustado com isso... é que tinha que fazer o exame de qualificação. E começou a se discutir esse exame... que seria uma prova de todas as matérias e... nós todos íamos tomar pau porque não conseguiríamos passar. “Como agente vai passar na prova com vocês que sabem muito mais do que nós? Vamos repetir! Vamos ver como vai ser...” e aí começou a discussão até se chegar que a qualificação tem que ser na área de pesquisa da pessoa, em cima daquilo que ele está escrevendo... Foi um briga tremenda...(risadas...). Fomos então, os sete primeiros mestres do país porque não havia mestrado e a USP criou. Eu terminei em 1976. Aí a USP disse: “Vamos criar um doutorado, nós temos gente titulada, catedráticos, temos gente de outros departamentos e tal...” E como eu já estava lá dentro, já era estável e tal, então nós sete fomos fazer o doutorado. Eu comecei o doutorado em 1977 e logo comecei as cadeiras (disciplinas). Resolvi fazer as cadeiras rapidinho e, em 79-80 tinha terminado, mas tinha que defender a tese. Você sabe que defender o mestrado, tudo bem, mas, o doutorado é complicado à beça. Eu fui defender a tese de doutorado em 1985. E nessa encrenca toda, eu sempre achei que o Masayuki é que tinha defendido a primeira tese em contabilidade no país... Há uns cinco anos atrás, quando fez 25 anos de doutorado, o pessoal do USP resolveu chamar os 10 doutores mais antigos, da nova regulamentação, porque esse é o modelo atual. Eu estava trabalhando muito nesse negócio que eu chamo de “Hotel cinco Estrelas”, são palestras para empresas... Quando o pessoal da USP me chamou, o Frezatti (Prof. Dr. Fábio Frezatti) me chamou. Eu olhei a minha agenda e vi que não podia ir naquele dia, tinha compromisso e tinham feito a propaganda toda e eu tinha que dar a aula. E não fui. O único cara que faltou fui eu. Aí o Frezatti me ligou e brigou comigo: “Você não veio e tal” E eu expliquei que não

podia, que tinha marcado e não havia como mudar a data.... e disse: “Eu não pude e não fui, tinham dez, foi só um que faltou. Aí ele disse então, que eu era o que tinha sido o primeiro a defender a tese de doutorado! E eu faltei! Eu nem sabia ... (risos). Sempre pensei que o primeiro tinha sido o Masayuki! Eu fui então para o doutorado na continuidade do mestrado. Eu estava na USP e queria continuar lá.

RC&C: __ Qual a felicidade que senhor teve dentro da contabilidade?

Dr. Gil: __ A felicidade que a controladoria e a contabilidade me deram foi mais no ponto da gestão. A contabilidade tem uma responsabilidade enorme no processo de tomada da decisão. Eu não sou muito voltado para a fiscalização. A tomada de decisão geral e não só no mercado acionário. A contabilidade mostra a situação da empresa, a evolução da empresa, a evolução da receita. Se agente pega direitinho, se vê a área de negocio, aquelas que têm maior retabilidade. A felicidade que a contabilidade me deu foi a área de gestão.

RC&C: __ A contabilidade causou algum constrangimento para o senhor? O que eu faço agora? Por que eu sou contador?

Dr. Gil: __ Não, porque eu trabalho nas linhas laterais da contabilidade. Na linha de informática, em negócios, em auditoria, mais nas áreas afins da contabilidade. Eu nunca me senti diminuído por ser doutor em contabilidade e controladoria. Eu sempre falo de controladoria e contabilidade por que controladoria tem mais a visão gerencial. Quando eu dou aula e palestra, eu sempre falo assim: “Logística é

atividade fim e controladoria e contabilidade são atividades meio. E a contabilidade tem que entender a logística e, a logística entender a contabilidade!”. Outra área é pessoal (pessoas) e outra é tecnologia da informação. Para mim as áreas são todas emendadas. Eu trabalho na integração, aliás, nenhum contador trabalha só na contabilidade. Agora tem que se trabalhar na contabilidade social, na contabilidade ambiental, temos que nos entender com outras áreas. Nesses últimos 30 anos... Infelizmente...

(Interrompendo) RC&C: __ Corpo jovem e a cabeça de agora! Acho, que nós vamos ficando melhor ao envelhecer, o senhor não acha?

Dr. Gil: __ Eu acho que sou hoje um cara mais tolerante, eu era um camarada mais aguerrido, eu arrumava umas encrencas. ...não brigas... mas de não concordar com isso, não concordar com aquilo... hoje... sou mais tolerante, mas... de vez em quando arrumo encrenca, mas ... só às vezes... (risadas). Ao falar de poder... A respeito dos poderes, veja que o poder de estado não se sobrepõe ao poder da federação e essa discordância entre os poderes deveria ser ensinado no pré-primário, você tem que aprender a dialogar e assim... acaba adquirindo jogo de cintura.

RC&C: Mas nesses 30 anos o que o senhor acha que mudou dentro da contabilidade, qual a visão que a contabilidade tem que ter do mundo e qual a visão que o mundo tem que ter da contabilidade?

Dr. Gil: __ Legal ter perguntado isso! Eu acho que uma coisa que mudou foi a contabilidade falar com a gestão. Teve

um momento que a contabilidade era o contador, do guarda-livros. Ele fazia o obrigatório, as guias de recolhimento. Eu vejo agora esse SPED contábil e fiscal. Colocam tudo no computador. A receita federal tem tremendas bases de dados a partir da contabilidade... Se você pega um cara que trabalhava em contabilidade, não precisa ser na década de 50, pode ser na década de 70, e coloca o cara hoje, ele vai ficar louco, porque o governo informatizou a contabilidade de uma maneira muito violenta. Isso obrigou o contador a entender de informática. O governo está usando muito a contabilidade em termos de controle interno. Ela é muito usada na governança corporativa, *compliance*. São idéias que já existiam, mas não formalizadas como nos dias de hoje. O contador exerce o trabalho dele em uma engrenagem muito sofisticada e ele tem que entender essa engrenagem. Não adianta mais ele fazer o balancete, o balanço, as guias de recolhimento... “e acabou a minha função! Não é mais assim!” Você tem que exercer a atividade pro-ativa no sentido da decisão ser feita em conjunto com o gestor. Daí o gestor tem que entender a sua tecnologia e você tem que entender a tecnologia do gestor, senão, não há conversa. Segunda feira eu vou dar uma palestra para o pessoal de TI. Você pergunta para qualquer pessoa de TI: “Qual o seu grande problema?” E respondem: “O usuário!” “O usuário não é o problema, o usuário é a solução!” (Risos). A mesma coisa com o contador. Qual o problema do contador? Ele responde: “É o gestor, o empresário!” Não! O gestor é a pessoa que está lá, a pessoa jurídica que põem o dinheiro, que investiu, que bancou! Se ele não existir, você não existe. Não existe a sua contabilidade! E ele acha que se ele entendeu direitinho os princípios de contabilidade, se entendeu direitinho as demonstrações, se entendeu direitinho a legislação tributária; ele é um bom contador e não é! Isso é insuficiente! Aí

tem um problema na própria vida que vem a seguir. É o seguinte... na década de 70 e 80 tinha poucos contadores no Brasil. E o que havia naquela época era a briga de técnico de contabilidade e contador de nível superior. Que implicou naquela sua pergunta anterior, ou anterior da anterior “... se você se sente um pouco afetado ou atingido em ser contador?” É justamente naquela época em que existia o pessoal de segundo ciclo, aquele pessoal que trabalhava muito... esse pessoal foi se aposentado, foi morrendo, a contabilidade virou uma ciência e uma tecnologia de nível superior. Mas agora... a minha grande preocupação é que tem contador e contadora demais no país. Existe um milhão de contadores no país e não tem lugar para todo mundo no mercado de trabalho. Então ser contador por ser contador tem uma empregabilidade baixa. E ele tem que conhecer bem TI, tudo hoje é na cara do computador! Tem que conhecer gestão e processo de tomada de decisão. Estava conversando com um amigo sobre os cursos de contabilidade, falei para ele: “Esse curso de vocês não pode ser só de contabilidade, pois o rapaz e a moça que vão sair daqui estarão mortinhos...”

RC&C: __ Qual o papel da contabilidade no mundo atual?

Dr. Gil: __ O papel da contabilidade no mundo atual... eu estou estudando uma coisa que o Panhoca (Prof. Dr. Luiz Panhoca) também está estudando: a sustentabilidade. Ele está estudando até mais do que eu. O que vai acontecer agora é que o contador vai ter que entender de sustentabilidade na própria vida dele e como contador. Um dos desafios do contador é entender sobre a sustentabilidade, mas, não só sob o aspecto ambiental e social, também sob o aspecto econômico e o aspecto tecnológico. As pessoas dizem “tem aí o

credito de carbono... não pode queimar...” Tudo bem... mas, o ser humano com tecnologia pode por mais oxigênio lá em cima! Uma das idéias é que as pessoas e a tecnologia melhorem, por exemplo, o CO² do ar. “tudo bem esse negócio!”, mas o colega de contabilidade tem que saber que ele vai ter que contabilizar esses tipos de práticas, ele “vai ter que entender o que é isso!” Como a contabilidade reflete esse tipo de função? Reflete a organização nas suas contas! “O futuro do contador é bom, é bacana!”, porque vai valorizar essas coisas. A grande vantagem da contabilidade é que ela trabalha com a moeda que é um denominador comum. Você pode confrontar então tudo o que o futuro trouxer. Tudo o que tem que se confronta, tem que se transformar em um denominador comum. A moeda faz isso e pode então ser contabilizado. O contador tem que entender o que está ocorrendo. A sustentabilidade é o ambiental e o social movido pelo tecnológico.

Eu ouvi a Marina Silva¹ falando que essa crise econômica está acabando com o ambiental. Achei bem bacana ela falar isso. Aí se pode ver o problema de sustentabilidade... ... se gastou “trilhões de dólares!” entre roubos e fraudes que podiam estar sendo aplicados na área ambiental. E é legal ela falar disso, porque normalmente, as pessoas do social e do ambiental não falam do econômico! As coisas separadas não vão funcionar. O contador de hoje que trabalha com tecnologia, à medida que essa tecnologia for sendo alterada, ele vai ter que se adaptar. Ele vai ter que trabalhar com o social e com o ambiental. Ele vai precisar se adaptar! O futuro do contador é cada vez mais conhecer as tecnologias dos outros e também a conhecer a dele. Na década de 80, quando eu dava palestras para contadores sobre tecnologia e

computadores, metade deles levantava da sala e ia embora. Achavam que eu era maluco e que não precisavam saber de nada daquilo. Hoje ele tem que trabalhar e entender de tecnologia e informática, não tem outro modo de sobreviver! Contador tem acompanhar a tecnologia senão ele está morto!

RC&C: __ A contabilidade vai mudar o mundo? E o mundo, vai mudar a contabilidade?

Dr. GIL: __ A contabilidade não vai mudar o mundo. A contabilidade muda e é mudada. O mundo muda porque o mundo é feito de variedades. É por isso que na outra pergunta se você perguntou se eu me sentia inferiorizado... Eu sei porque você me perguntou isso, pois isso às vezes é um problema para os contadores! Bom... mas, eu nunca senti isso porque sempre achei que todo mundo era igual e eu era igual a todo mundo. Sempre achei que todas as profissões são importantes. Eu sempre raciocinei do seguinte jeito: o mundo é bom e todo mundo é bom! Eu nunca discriminei porque nunca fui discriminado. E se fui discriminado, o problema é dele, de quem me discriminou e não meu. Eu estou no meu lugar! Gosto muito do Museu do Prado, tem lá o Tintoretto² e o Velásquez³. Quando olho aquilo – veja eu não entendo nada de arte, não tenho essa educação e essa formação – mas, olho aquilo e vejo que eu nunca pintaria aquilo! (risada) Como será que eles faziam, eu tento entender... Cada cara é um cara. Ele é veterinário, eu sou contador, cada um tem sua tecnologia. Mas eu vejo outro lado também: que é o contador discriminando os outros!

¹ Senadora do Acre e Ministra do Meio ambiente. Nascida no Seringal Bagaço, a 70 km, Rio Branco.

² Tintoretto, pintor veneziano (1518?-1594).

³ Diego Rodríguez de Silva y Velázquez (Sevilha, 6 de Junho de 1599 — Madrid, 6 de Agosto de 1660).

Também as outras profissões. Vejo engenheiro discriminando médico, acho isso uma besteira sem tamanho!

RC&C: __ O senhor então, para finalizar, gostaria de deixar alguma mensagem para os novos mestres.

Dr. Gil: __ Uma coisa que eu gostaria de deixar é que uma mensagem para que os professores das universidades! Para que trabalhassem de uma maneira mais entrosada com as diferentes áreas e departamentos. Isso eu falei para o reitor da UFPR (Universidade Federal do Paraná): Um acha que é dono daqui outro é dono dali e eu vejo uma falta de entrosamento enorme dentro das universidades em geral. A universidade fica muito dividida. Há muitos anos atrás eu estava na FECAP (Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado). A Álvares Penteado é a escola mais antiga do país na área de comercial, ela abriu em 1902. Inclusive a USP foi criada a partir dali... Eu falei lá, “que agente tinha que se entender com os colegas de economia, de administração, de TI!” Existe uma dissociação enorme. Talvez uma maneira de se fazer isso seria por meio das revistas eletrônicas. Você deve publicar na revista dos outros e aceitar os outros para publicar na sua revista, sem preconceito de área, de escola, de quem é quem. Uma questão é como valorizar a universidade, como valorizar o aluno! Universidade é o professor e o aluno! Os professores deveriam publicar nas revistas das empresas. Escreve lá na revista corporativa... Não fica naquele negócio de quem escreve é que lê. Lá na universidade tem a página da contabilidade, a página da arquitetura, a página da economia, nunca se tem um artigo de outra área na página estranha a ela. O professor tem que fazer isso! A universidade é o professor e o aluno, não

adianta... E quem publica na empresa é só a empresa, mas na universidade é só professor e seu mundo, se é daqui não publica ali! Isso começou a saltar muito na minha cabeça, porque como eu estou ficando velho e meus amigos também, eu comecei a ser chamado para fazer trabalho que eu nunca tinha feito. Me chamaram quando tinha uns 50 anos para fazer um trabalho que eu nunca tinha feito, e eu disse: Eu não sei fazer isso! O cara disse: “Como? Você fala disso e daquilo, eu acho que você consegue...” Eu fui e trabalhei, mas, me sentindo um mau caráter, um picareta, fazendo uma coisa que eu nunca tinha visto antes. Há uns sete anos atrás fui trabalhar com cemitério: a mesma coisa, não entendia nada, não sabia nem qual era a missão do cemitério! Era auditoria da área contábil financeira e de computador. Fiquei traumatizado! Apanhei do cara... fiquei a primeira reunião umas três ou quatro horas com o cara. Era um cemitério em São Bernardo do Campo. O cara falava para mim: “Puxa, mas você não entende nada!” Eu só respondia: “não sei!” É isso aí... a gente só sabe a nossa área, é muito fechado no departamento e não sabe nada de fora... Nas universidades que trabalhei sempre a mesma coisa: cada um fechado na sua sala. Nas universidades privadas mais ainda, ...como pode ser demitido, não tem briga mas, é uma ciúmeira danada. Estão... deveria se trocar artigos entre as áreas e, entre as universidades.

__ Um camarada me disse assim: mas eu sou da USP. E daí? Você tem que escrever e colocar artigo no site da outra universidade. Você acha que é melhor que alguém, na Federal do Paraná, que eu também conheço, a mesma coisa! Você tem que publicar, esquece que você é esse e o outro é o outro. Manda artigo para os outros, na sua casa todo mundo te conhece, você tem que trocar idéias com os que não te conhecem! Os demais departamentos... e faculdades... e empresas... e onde você puder. E outra

coisa importante é perguntar o que a universidade quer de você! Eu perguntei para o reitor: “o que a Federal quer de mim?” E ele me respondeu! Ele sabia o que a federal queria de mim! “O que a federal quer de você é o seu network!” E eu vi porque ele era o reitor...era o primeiro cara que sabia o que queria de mim! E eu disse: “Com você eu concordo plenamente”. Eu não precisei explicar para ele o qual era o meu network, ele sabia, e ele era o reitor. Se você entra no mercado tem que saber o que é para fazer. Você vai dar sua aula e vem um cara que não sabe quem você é, não sabe nada de você e fica cobrando... E ainda falam: “aqui é uma universidade pública”. E daí? O que vocês produziram? Eu sei o que eu produzi. Eu gosto de escrever e escrevo. Eu não falo isso para me promover. Eu falo isso

porque o meu objetivo é outro. É intercambiar, eu não quero ficar no departamento fechado. Eu quero aumentar a minha rede, eu quero é dar aula, não quero ficar amarrado, amuado, brigando... Meu Deus do céu! Eu quero ficar bem! O comentário que eu quero fazer é que as universidades principalmente as públicas, falando da USP e da Federal do Paraná, eles são muito fechados, eles têm que trabalhar em nível de igualdade e de troca, não assim fechados!

RC&C: Dr. Gil, nós agradecemos esta entrevista com a certeza de que mais do que contabilidade e controladoria, o senhor ensinou e ainda está ensinando-nos a viver!

Dados da banca do Prof. Dr. Antonio Loureiro Gil

USP – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Título da tese: "A ATUAÇÃO DA AUDITORIA DE SISTEMAS COMPUTADORIZADOS PARA OBTENÇÃO DE UMA MAIOR PRODUTIVIDADE DE PROCESSAMENTO ELETRÔNICO DE DADOS".

DATA DA DEFESA: 20.03.1985

ORIENTADOR: Prof. Dr. Sérgio de Iudícibus

COMISSÃO : Prof. Dr. Antonio Pereira do Amaral

Prof. Dr. Nicolau Reinhard

Prof. Dr. Tamio Shimizu

Prof. Dr. Antonio Galvão Naclério

MÉDIA: 10,0 MENÇÃO: DISTINÇÃO

==== RC&C =====